



## **Meninos de Rio: Arte e Design Social na Escola**

*River Boys: Art and Social Design at School*

Sobrenome, Autor; Universidade Fictícia do Brasil  
[emailautor@gmail.com](mailto:emailautor@gmail.com)

Sobrenome, Autor; Universidade Fictícia do Brasil  
[emailautor@gmail.com](mailto:emailautor@gmail.com)

Sobrenome, Autor; Universidade Fictícia do Brasil  
[emailautor@gmail.com](mailto:emailautor@gmail.com)

Sobrenome, Autor; Universidade Fictícia do Brasil  
[emailautor@gmail.com](mailto:emailautor@gmail.com)

Sobrenome, Autor; Universidade Fictícia do Brasil  
[emailautor@gmail.com](mailto:emailautor@gmail.com)

Sobrenome, Autor; Universidade Fictícia do Brasil  
[emailautor@gmail.com](mailto:emailautor@gmail.com)

### **Resumo**

Esse artigo pretende apresentar o projeto de Extensão Meninos de Rio: arte e design social na escola, um trabalho que nasceu no curso de Design da Universidade <omitido para revisão cega>. Tal projeto fomenta a vivência na arte e no design em escola da rede de ensino pública local, em especial, junto a crianças de turmas do 1º ao 5º ano do ensino fundamental. O projeto se propõe a refletir sobre a realidade metodológica no ensino destes campos em sala de aula, assim como promover a liberação criativa e potencial inovador desde a infância.

**Palavras Chave:** arte-educação; design social; metodologia.

### **Abstract**

*This article aims to introduce the extension project River Boys: art and social design at school, born through the course of Design in the <omitido para revisão cega>. Such action introduces the teaching of art and design in classes in school of local public system, especially with children of 1st to 5th year of the elementary school. The project aims to reflect on the methodological reality in teaching these courses in the classroom, as well as promoting creative and innovative potential release since childhood.*

**Keywords:** art education; social design; methodologic.

## **Introdução**

Meninos de Rio: arte e design social na escola é um Projeto de Extensão que nasceu dentro do Curso de Bacharelado em Design da Universidade <omitido para revisão cega>. Um projeto que reside na união entre teoria e prática em um movimento que parte da pesquisa dentro da universidade e sai desta rompendo barreiras e estabelecendo diálogos com o meio externo. Atividade de extensão tem por princípio a retribuição, por parte da academia para com a comunidade na qual se insere. Visa à troca e divisão de saberes entre o campo científico e vernacular.

Nesse aprendizado mútuo sobre os trilhos do desenvolvimento social, o estudante tem a oportunidade de ampliar sua formação. Explicita-se aqui, além da prática profissional, ou seja, a aplicação adaptada de conhecimentos acadêmicos adquiridos na comunidade, mas também, a formação extensionista que propicia a reflexão e vivência social da profissão na qual os graduandos encontram-se em processo de desenvolvimento. Nesse caminho não linear, mas transversal, o estudante percebe o potencial interdisciplinar que qualquer profissão tem a ser explorado.

Este projeto e artigo são oriundos de uma demanda incisiva, por parte dos estudantes, em desenvolver atividades que cruzem sua formação acadêmica, design, com as artes e a educação em um diálogo próximo com a comunidade na qual o curso está inserido. Cruzar essas áreas demanda entender a problemática existente no ensino da arte-educação no Brasil e sugere propor iniciativas válidas para esse problema, assim como, validar essas propostas.

Ou seja, esse artigo se baseia na apresentação de um projeto de extensão existente que, com base em estudos realizados da problemática da arte-educação no Brasil, resolveu aperfeiçoar metodologias de arte e design, aplicá-las e validá-las com alunos do 1º ao 5º ano de uma escola de ensino fundamental pública brasileira. Tais metodologias tomam como base estudos teóricos previamente debatidos e a observação de possíveis adversidades encontrados na proposta de ensino Educando por Projetos, dos brasileiros Sérgio Andrade e Juliano Souza (2014).

Os objetivos que levam a esse planejamento, prática e validação de atividades de arte e design são: Incentivar e promover o fortalecimento da integração entre pesquisa e extensão; Propiciar vivência extensionista a graduandos de design; Auxiliar no processo de formação, dos graduandos, alertando para suas responsabilidades éticas e profissionais como possíveis agentes de inovação social; Planejar e executar atividades de caráter interdisciplinar com base na ludicidade; Colaborar com a formação valores e educação de crianças da rede pública; Apresentar o universo expressivo libertador das artes e do design através de atividades criativas com recursos variados; Oferecer momentos de experimentação material, física e visual para as crianças sob orientação dos membros do projeto; Oferecer autonomia criativa aos graduandos em seus planejamentos e modos de atuação; Incentivar a pesquisa e debate de teorias, metodologias de estudos de casos a serem aplicadas e/ou adaptadas pelos extensionistas nas escolas, obtendo conteúdo e maturidade intelectual para a verdadeira prática do design social; Fazer uso de materiais, técnicas e processos de baixo custo financeiro e baixo impacto ambiental; E, por fim, Influenciar, positivamente na percepção de mundo, cultura, arte e design desses alunos escolares para sua liberdade.

Introduzimos esse trabalho com o seguinte pensamento:

Dentro de uma lógica de cooperação e afeto, investimos em experiências sensíveis significativas, pensando que elas podem reverberar na reinvenção de práticas que neguem a imposição, para contemplar a proposição, e com isso, promover o fortalecimento de laços afetivos e humanos, qualificando o contexto sociocultural dos envolvidos (CASTILHOS; MEIRA; SANTOS, 2012).

## **Problemática da Arte-Educação no Brasil**

A arte-educação no Brasil é um processo metodológico que, apesar de ter sido implantado nas universidades brasileiras em meados da década de 70, ainda não se libertou totalmente das diretrizes da censura militar. Essas diretrizes que privavam a autolibertação, a busca pelo ‘eu’ artístico e que censuravam qualquer demonstração de pensamento livre fez com que não houvesse mais ânimo por mudanças, mesmo após o fim da ditadura em 1983. Prova disso é que “os livros didáticos para a arte-educação são modernizações na aparência gráfica de livros didáticos usados no ensino de desenho geométrico nos anos 40 e 50, sem nenhuma preocupação com o desenvolvimento da autolibertação” (BARBOSA, 1989).

Em outras palavras, os docentes – tão fadados a seguirem os livros didáticos que lhe são indicados pelo sistema educacional brasileiro – acabam por ensinar a seus alunos a “arte do replicar”: replique aqui a bandeira do Brasil, com essas cores, nesse retângulo perfeito já aqui desenhado; replique essa rosa, nesses tons de vermelho, para o dia das mães desse ano (e dos próximos que vierem), etc. Pouco existe a promoção da autolibertação dos alunos para que estes busquem o seu eu criativo.

Este artigo não almeja adentrar em um embate político sobre a mudança da estrutura educacional brasileira, almeja apenas demonstrar o quanto a deficiência da arte-educação ainda é evidente e pouco se vê de promissor para que mude. Esta deficiência faz com que tenhamos professores polivalentes sobrecarregados, seja por um grande número de alunos, pela frágil estrutura cedida para aulas de arte, pela desatualização metodológica ou ainda pela ausência de formação na área de criação, com arte e design.

Mudanças, quando surgem, vêm em nome de projetos que, apesar de terem a proposta de ministrar mais atividades de artes, tem essas atividades ministradas por profissionais de outras disciplinas, ou seja, inadequadas. O projeto Meninos de Rio visa trazer de volta estímulos que outrora surgiram e que são cabíveis de implementação como:

O movimento da valorização da arte da criança no período que se seguiu ao Estado Novo. A partir de 1947, começaram a aparecer ateliês para crianças em várias cidades do Brasil, em geral orientados por artistas que tinham como objetivo liberar a expressão da criança fazendo com que ela se manifestasse livremente sem interferência do adulto (BARBOSA, 2003).

Por fim, tratar do problema da Arte-Educação no Brasil é tratar do aluno, da criança. Elevá-lo ao centro, ao cerne da busca pela arte, ao palco e não somente plateia. É educar o professor para que este saiba o momento de agir e o momento de deixar fluir. É o entender que educar na arte necessita de uma metodologia prática e eficiente, necessita do projetar a educação. E essa é uma das propostas do Educando por Projetos que afirma que os problemas da educação tradicional que devem ser transformados são: Baixa motivação no estudo; Habilidades sócio emocionais pouco estimuladas; Baixa autonomia dos estudantes; Segregação e Educação exclusiva. E são as tentativas de transformação desses problemas que o Projeto Meninos de Rio aplicará em sua metodologia.

## **Metodologia Aplicada**

As ações do Projeto de Extensão Meninos de Rio: arte e design social na escola tiveram seu início no mês de maio do ano de 2015. Com uma equipe de nove pessoas sendo dois docentes – Moema Oliveira e Washington Ferreira – e sete discentes do curso de Design, o projeto trará a vivência da arte e do design para crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental do Centro Integrado Herman Lundgren em <omitido para revisão cega>.

Durante o mês são realizados dois encontros de caráter teórico – onde se planejam as atividades, se discutem temas relevantes para o crescimento intelectual dos integrantes do

projeto e se define bases para produção acadêmica e científica – e dois encontros práticos – onde as quinze turmas, ou trezentos e cinquenta e quatro alunos, possam ser inseridas no mundo da livre expressão.

Os encontros teóricos acontecem por meio de reuniões onde são levadas pautas elegidas pela coordenação do projeto e que podem ser adicionadas/modificadas pelos discentes extensionistas. Dentre as pautas há sempre a discussão sobre algum material lido pelos extensionistas e que são relevantes para o projeto. Assim como há momentos para mostra de vídeos, documentários e até mesmo filmes que agregam novos pontos de vista e novos conhecimentos essenciais para a evolução do pessoal e do coletivo em cada integrante do Meninos de Rio.

Já os encontros práticos – ou atividades práticas – têm sua metodologia voltada para acercar os problemas da educação tradicional apontados pela equipe do Educando por Projetos, já citado anteriormente, e agora explicitado na tabela 1:

Tabela 1 – Educando por projetos

<b>Problema</b>	<b>Definição do Problema</b>	<b>Solução</b>
<b>Baixa motivação no estudo</b>	Como o conteúdo é empurrado e já definido, os estudantes não se sentem donos do processo de aprendizagem. O resultado é uma baixa taxa de absorção do conhecimento e alunos desmotivados	Aplicar formas de se estudar e de por em prática esse estudo diferente do método convencional de ensino, motivando assim o aluno a sempre querer mais e não se cansar diante de cada nova ação.
<b>Habilidades socioemocionais pouco estimuladas</b>	Focar nas notas e deixar de lado as habilidades socioemocionais pode ser um grande erro. Na vida adulta, as habilidades sócio-emocionais, geralmente, são mais importantes que o conhecimento específico.	Desenvolver as habilidades socioemocionais dos alunos por meio de dinâmicas grupais e do mostrar que no mundo da arte não existe bonito ou feio, existe a expressão de si e que cada obra produzida será tão importante quanto às demais.
<b>Baixa autonomia dos estudantes</b>	O modelo tradicional forma estudantes despreparados para tomar as próprias decisões. Depois de 13 anos apreendendo exatamente o que a escola determina, os estudantes têm dificuldade de andar com as próprias pernas.	Gerar autonomia nos estudantes deixando materiais diversos para que estes possam escolher com quais trabalhar, assim como tentar sempre que possível atender as demandas levantadas por eles.
<b>Segregação</b>	Em geral, os estudantes convivem apenas com estudantes da mesma idade, do mesmo bairro e da mesma classe social. Não há interação fora desses ambientes o que acaba limitando as experiências e consequentemente o conhecimento dos alunos	Trazer para as crianças novas ações, com novos professores a cada nova ação, assim como fazê-los interagir com as outras turmas atendidas pelo projeto faz com que a segregação vá aos poucos perdendo seus limites.
<b>Educação Exclusiva</b>	O poder aquisitivo acaba influenciando a qualidade da	Trazer para os alunos materiais de fácil acesso e baixo custo faz com

	educação recebida, o ambiente de convivência e as relações interpessoais, consequentemente as oportunidades de crescimento pessoal e profissional.	que percebam que é possível produzir bons materiais mesmo com poucas condições. Mostrar que é possível se ter um ensino de qualidade se a equipe docente e a discente trabalham para isso
--	--	---

A cada mês são postas em prática cinco atividades diferentes, uma para cada ano de escolaridade, que visam incluir a todos num único ambiente, ambiente este que a ninguém segrega ou exclui, assim como visam revelar aos alunos o mundo da livre expressão, onde não existe cópia, certo ou errado, bonito ou feio, pois “expressar não é responder a uma solicitação de alguém, mas mobilizar os sentidos em torno de algo significativo, dando outra forma ao percebido e vivido” (CUNHA, 1999, p. 25).

Estas atividades propostas são testadas previamente pela equipe para serem validadas e entendidas por quem as ministrará e só então são levadas às crianças. Podemos entender a metodologia base de toda atividade na tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Metodologia base

	<b>Passos Metodológicos</b>	<b>Exemplos</b>
<b>1</b>	Momento de integração	Abrço coletivo; Dinâmica de apresentação; Exercícios de alongamento; etc.
<b>2</b>	Apresentação da atividade de forma objetiva	Slides sobre atividade “Releitura de Tarsila do Amaral”: Quem foi Tarsila – O que é releitura – Como fazer
<b>3</b>	Divisão/Disposição da sala e dos materiais	Fazer um círculo com as cadeiras para que as crianças possam sentar no chão, no centro da sala, onde estão dispostos os materiais de uso coletivo.
<b>4</b>	Início da atividade prática	Crianças recebem seus materiais e iniciam a produção
<b>5</b>	Orientação da atividade prática	Extensionistas passam de apresentadores/dominadores da atividade a orientadores, onde guiam o olhar do aluno sem tirá-lo de sua liberdade criativa.
<b>6</b>	Apresentação dos resultados	Os produtos finais são apresentados a toda a turma ou ao orientador como forma de as crianças se apropriarem dos mesmos

Essa metodologia base é modificada de acordo com a necessidade de cada ação e sua real aplicação pode ser mais bem entendida no Estudo de Caso.

## Estudo de Caso

Segundo Holm (2007), trabalhar arte com a infância não acontece de forma isolada. Envolve aspectos de controle e coordenação corporal e equilíbrio motor, assim como sensoriais, para que a criança desenvolva e experimente segurança em suas ações e movimentos. A presença de um adulto por perto se faz como um colaborador, um guia na participação da expressão artística dos mesmos, não controlando ou criando em seus lugares.

Conscientes disso, podemos relatar que no primeiro contato já era esperada a apreensão que esse desafio de expressão e liberdade artística podia causar. No primeiro encontro prático com os alunos do 1º ao 5º ano do Centro Integrado Herman Lundgren foi proposta a mesma atividade para todos, visto que o objetivo maior era a apresentação do projeto e dos membros desse. A atividade proposta foi uma oficina de produção de origamis onde, num livre processo de captação da técnica, os alunos fariam seus próprios origamis (modelos já conhecidos popularmente ou aprendidos por meio da apresentação dos extensionistas) e os aplicariam em cenários que poderiam ser customizados livremente. Um ponto alto nessa experiência inicial foi a surpresa das crianças no contato com materiais até então inexistentes em seus conhecimentos, como o uso de tinta. Isso nos sensibilizou e nos motivou nas ações que se seguiram.

Parte das atividades que se seguiram, como podemos observar nas imagens a seguir (figuras 1 e 2), configuraram produções e confecção de óculos feitos de canudos e copos descartáveis, máscaras inspiradas em artistas brasileiros e releituras da série bichos da artista Lygia Clark. Tais atividades incentivaram e guiaram a construção do imaginário e repertório infantil por meio de uma percepção pessoal de cada uma das crianças.



Figura 01: Atividade prática



Figura 02: Atividade prática

Durante o processo e aplicação das atividades foram percebidas certas dificuldades e limitações, tais como: de início, por parte dos docentes da escola, a rejeição e aversão nos encontros, pois avaliaram a inserção desse tipo de projeto dentro do ensino regular infantil de forma negativa. Tal qual foi a avaliação negativa dos docentes, que estes chegaram a julgar que as ações práticas que cada turma receberia (apenas uma vez por mês), seriam um atraso no calendário escolar. Má recepção essa que se fez persistir no decorrer de todas as atividades da extensão até o momento, com exceção de alguns professores que, gentilmente, auxiliaram ativamente no processo e quiseram aprender técnicas de ensino de arte. Toda esta situação se configurou como um grande desafio de superação que dificulta uma concentração vital na explanação das aulas.

No que se refere ao acolhimento das crianças, foi, desde o início, contagiante. Sempre receptivos, se envolvem rapidamente com as dinâmicas grupais e com as atividades práticas, sendo constantemente calorosos e sinceros em suas opiniões. Sem dúvidas, conseguem estabelecer um contato de compromisso para com o projeto.

Esse contanto mais íntimo e olhar sensibilizado, pôde nos influenciar numa percepção mais apurada. Ou seja, considerar a faixa etária dos mais novos, além do contato de turmas com vários alunos especiais e/ou deficiência auditiva, motora e de raciocínio. Houve, inicialmente, uma resistência por parte dos alunos especiais, como já era de se esperar, no desenvolvimento das técnicas e trabalhos das ações do projeto. Desta experiência fica clara a reflexão sobre como é crucial o despreparo e ausência de suporte necessário para comunicação efetiva desses pequenos na escola, o que prejudica não somente o ensino e aprendizado do ponto de vista metodológico, mas também seu relacionamento com os demais colegas. Contudo, as abordagens dos extensionistas no decorrer das atividades, envolvem por completo estes alunos, os motiva e estabelece um vínculo de possibilidade criativa individual, resultando em encontros emocionantes e proveitosos.

Entretanto, tivemos de enfrentar reações adversas como: agressividade, raiva, choro, bem como, comportamento hiperativo das crianças. Reações que se configuram, segundo Friedmann (2014), como manifestações simbólicas que representam, mesmo que por vezes sem a consciência plena disso, a necessidade de chamar a atenção dos adultos presentes. Reflexo de uma tristeza sofrida e reprimida que precisa ser exposta. O que foi inesperado e desafiador em primeiro momento, mas logo contornado num acompanhamento mais aproximado das atividades.

Todas as atividades incentivaram a proposta do brincar e estimularam o contato com outras crianças de turmas diferentes em um momento educativo e de lazer através da arte e do design.

## **Conclusão**

Concluimos esse artigo com a certeza de que o projeto Meninos de Rio irá muito além deste. Acreditamos na força e no poder da transformação de realidades através da arte e do design em situações que um projeto como este é capaz de realizar. Acreditamos ainda que somos capazes de melhorar a cada ação, seja prevendo as adversidades, seja esclarecendo dúvidas, seja – simplesmente – cativando e trazendo mais e mais crianças para o mundo do amor à arte e ao design. Não somos capazes de mudar o mundo, mas somos capazes de mudar o nosso entorno, a nossa comunidade. E o primeiro passo de muitos já foi dado, aguardamos os próximos dessa longa jornada.

## **Referências**

ANDRADE, Sergio; SOUZA, Juliano. Por quê?. In: **Educando por Projetos**, 2014. (<http://www.educandoporprojetos.com.br/>)

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos AVANÇADOS**, vol.3, n.º 7, São Paulo, dez. 1989.

BARBOSA, Ana Mae. Arte educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. **Revista Digital Art&**, n.º 0, out. 2003.

CASTILHOS, Joelma S.; MEIRA, Mirela R.; SANTOS, Jailson V. dos. **O ESPAÇO DA ARTE NA INFÂNCIA: percursos e desdobramentos do professor-propositor**. CeArtes/Universidade Federal de Pelotas. Rio Grande do Sul, 2012.

CUNHA, S. R. V. Pintando, bordando, rasgando, desenhando e melecando na educação infantil. **Cor, som e movimento**, CUNHA, S. R. V. da (Org.), Porto Alegre, 1999.

FRIEDMANN, Adriana. **O UNIVERSO SIMBÓLICO DA CRIANÇA: olhares sensíveis para a infância**. Nepsid, 2014.

HOLM, A. M. **Baby - Art: os primeiros passos com a arte**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2007.